

**REFLEXÕES SOBRE O *BULLYING* ESCOLAR E A PERSPECTIVA DE GÊNERO:
A PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS DO QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Michelle Popenga Geraim Monteiro – mizinhadobru@yahoo.com.br

Mestranda em Educação – UFPR

Everton Ribeiro – everton.ribeiro@ifpr.edu.br

Doutorando em Educação – UFPR

Araci Asinelli-Luz – araciasinelli@hotmail.com

Doutora em Educação – UFPR

RESUMO: Este trabalho destaca elementos característicos do fenômeno *Bullying* escolar a partir da percepção de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Curitiba, com ênfase na perspectiva de gênero. A revisão sistemática evidencia o quanto este fenômeno merece atenção nas escolas. Entende-se por *Bullying* escolar os comportamentos agressivos que se repetem e são intencionais, que acontecem sem uma motivação aparente, entre um ou mais estudantes, causando sofrimento e uma relação desigual de poder. O artigo teve como origem uma pesquisa de mestrado em educação que investiga a percepção do *Bullying* junto a duas turmas de quinto ano. A análise dos dados envolve aspectos quantitativos e qualitativos, de tal forma a valorizar a frequência e o impacto do fenômeno *Bullying* escolar na vida das crianças. Evidenciam-se questões voltadas às relações de poder entre estudantes, caracterizando tipos diferentes de manifestação do *Bullying* em decorrência do gênero. Do ponto de vista pedagógico é possível compreender o impacto do *Bullying* no desenvolvimento humano, que se caracteriza como violência social no microsistema escola que, no macrosistema, ainda reforça a menina como frágil, sensível, reforçando-a como vulnerável ao fenômeno *Bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*; relações de gênero; Ensino Fundamental; violência escolar; percepção infantil.

INTRODUÇÃO

A violência e a agressividade entre crianças, adolescentes e jovens tem ganhado destaque nos estudos e pesquisas na área da educação (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2011; ABRAMOVAY, LIMA e VARELLA, 2002). Esta temática tem se constituído num problema central de discussão entre a mídia, autoridades e pesquisadores de diversas áreas. Em especial, o ambiente escolar, caracterizado

Realização:

Apoio:



como importante microsistema de desenvolvimento humano depois do ambiente familiar, tem sido um dos espaços de manifestação do fenômeno da violência. A violência escolar evidencia-se pelo aumento em todo o período de escolaridade e, a preocupação é a sua disseminação, atualmente considerada como um problema de saúde pública (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2011; ABRAMOVAY, LIMA e VARELLA, 2002).

No entanto, uma forma de violência que vem ganhando espaço nos estudos e pesquisas acadêmicas é o *Bullying*, que se caracteriza por manifestações de agressividades físicas, verbais ou emocionais, e até mesmo virtuais, intencionais e repetidas, mostrando uma relação desigual de poder e sem motivação aparente. O termo *Bullying* tem origem na língua inglesa que identifica os maus comportamentos, sem haver um termo na língua portuguesa equivalente. *Bully* é traduzido como valentão e tirano, do verbo oprimir e ameaçar (LOPES NETO, 2011; FANTE, 2005).

O *Bullying* é considerado um fenômeno sistêmico, que cresce em função de atitudes tanto individual como coletivas, dentro de um contexto favorável à sua manifestação e que encontra validade ecológica no meio familiar, social e da própria escola. Urie Bronfenbrenner (2011), na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, permite pressupor que o *bullying* decorre das interações dinâmicas do indivíduo nos diversos ambientes em que ele convive que sofre influências e mudanças assim como também é capaz de influenciar. Afeta e se deixa afetar, o princípio da afetividade. Este fenômeno envolve quatro componentes: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT) (DESSEN; COSTA JUNIOR, 2005).

O modelo PPCT amplia a ideia de que o *Bullying* é um fenômeno relacional que sofre influências de diversos ambientes e indivíduos (sistema bioecológico). Essa concepção é reforçada quando se percebe que o autor do *bullying* não somente é um agente da violência na escola, mas também vítima de um ambiente familiar ou social agressivo. Sua atitude reproduz o que ele vivencia em seu ambiente de desenvolvimento. Portanto, nem sempre há dicotomia entre autor e alvo, pois ambos podem vivenciar o fenômeno em diferentes papéis (SCHULTZ; DUQUE; SILVA; SOUZA; ASSINI; CARNEIRO, 2012).

O *Bullying* é classificado conforme as formas de agressão e tipos de danos que causa no desenvolvimento do indivíduo. O tipo verbal se manifesta por meio dos

Realização:



Apoio:



apelidos, dos insultos, difamações e calúnias. Este é um dos mais comuns vistos entre meninas. O tipo físico mostra-se por meio de socos, empurrões, chutes, furtos e roubos, bastante comuns entre meninos. Com o passar da idade, este tende a diminuir. O tipo psicológico, que envolve exclusões, perseguições, chantagens e manipulações, é considerado o de maior impacto na vida emocional da criança em geral. E, o tipo virtual, chamado de *cyberbullying*, caracterizado pela disseminação de imagens, mensagens e invasão de privacidade via internet. Lopes Neto (2011, p. 25) mostra em seus estudos, juntamente com a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), que cerca de “40% dos estudantes envolvidos na pesquisa realizada por ele admitiram estar diretamente ligados em atos de *Bullying*, seja como autores ou alvos”. Isso revela um alto índice de disseminação do fenômeno no ambiente escolar.

Os papéis também se dividem dentro deste cenário de violência entre alvos, autores e testemunhas. Os alvos são as crianças agredidas que, por algum motivo, não conseguem se defender das agressões. Em geral, são crianças introvertidas, tímidas e possuem baixa autoestima. Os autores são os que praticam as agressões, atacando o outro indivíduo repetidamente. São populares, confiantes e seguros de si. E as testemunhas são aqueles que não se envolvem diretamente, mas convivem com o fenômeno sem reagirem a ele. São representados pela maioria dos estudantes, independente do gênero (LOPES NETO, 2011; 2005; FANTE, 2005).

Autores apontam diferenças entre meninos e meninas em relação ao *bullying* escolar (LOPES NETO, 2011; 2005; FANTE, 2005; BANDEIRA; HULTZ, 2012; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011). Os meninos, em geral, são os que praticam o *bullying* físico e possuem dificuldades de socialização, enquanto as meninas mostram-se mais propensas a realizarem o *bullying* psicológico, fator este, que dificulta a identificação, por não ser uma forma de violência explícita. As meninas tendem a ser mais empáticas e prestam ajuda aos alvos mais do que os meninos. Em relação à autoestima, em geral, meninas possuem maior índice de baixa autoestima do que os meninos.

A escola, por ser uma instituição social, possui um papel importante na formação dos indivíduos e por isso não pode se omitir na discussão de temas relevantes, como o gênero e a violência. Babiuk, Fachini e Santos (2013) observam

Realização:



Apoio:



que nas escolas, mesmo que muito sutil, as meninas são estimuladas a se comportarem de forma delicada, enfatizando a fragilidade e os meninos, o papel de competitividade e dominação. A educação formal das meninas ainda enfatiza os limites colocados pela sociedade, que as ensinam a brincar de “casinha” e “boneca”, como uma forma de preparação para os cuidados da casa, o casamento e a maternidade. Por isso, em muitos momentos, as meninas sofrem *bullying* ou outras formas de violência por serem vistas como frágeis e incapazes de se defenderem.

Assim, diante da questão da fragilidade/ vulnerabilidade, optou-se por analisar os dados pertinentes às meninas, pois no cenário social atual a violência contra a mulher apresenta-se como um fenômeno mundial, ocorrendo tanto em espaços públicos como privados. Neste sentido, a escola, como um microssistema de convivência social, pode manifestar agressões e violências contra as meninas. Assim, os estudos voltados ao *bullying* e gênero são relevantes para que haja uma diminuição da violência no ambiente escolar em relação às meninas, bem como pesquisas que aprofundem a temática a fim de promover a paz dentro das escolas e a cultura da prevenção e do desenvolvimento satisfatório das crianças.

METODOLOGIA

A pesquisa, foco desse artigo, é de natureza qualitativa, permitindo a compreensão e análise das relações sociais no ambiente pesquisado, sem desprezar os dados quantitativos que emergiram na pesquisa empírica (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009; MINAYO; SANCHES, 1993). A pesquisa seguiu os critérios exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal do Paraná (Parecer nº 1671640).

Foi realizada em uma escola municipal de Curitiba, no bairro Cajuru– Paraná – Brasil. A escola em questão atende em média 140 (cento e quarenta) alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, no período matutino e vespertino. A população que frequenta a escola é de classe média/baixa e o bairro possui pontos de tráfico de drogas e violência. A escolha do campo de pesquisa se deu pela facilidade de acesso dos pesquisadores à escola.

Os participantes da pesquisa são estudantes oriundos de duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, aproximadamente 70 (setenta) alunos, entre 9 e 11

Realização:

Apoio:



anos de idade, do período vespertino. Do total de alunos, 38 (trinta e oito) trouxeram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) assinado e autorizado pelos pais/responsáveis, tornando-se assim, os participantes do estudo: 16 (dezesesseis) meninos e 22 (vinte e dois) meninas.

Para a coleta dos dados da pesquisa foi realizado um questionário semi estruturado, composto por 26 (vinte e seis) questões. Para o presente artigo, foram analisadas as questões pertinentes ao gênero (mulher) e a ocorrência do *Bullying* entre as meninas, bem como o olhar destas sobre o fenômeno.

ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram analisados a partir da Técnica dos Núcleos de Significação, de Aguiar e Ozella (2006). Esta proposta tem por objetivo instrumentalizar o pesquisador a fim de se apreender as significações formadas pelos sujeitos diante da realidade com a qual ele vivencia o seu cotidiano, explicando a riqueza do sentido das palavras (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015).

A Tabela 1 mostra as respostas entre os meninos e as meninas sobre algumas perguntas do questionário voltadas ao *bullying*, dando ênfase aos dados numéricos primeiramente. Neste estudo, identificou-se 42,1 % dos alunos como alvos; 23,6% como autores e 39,4% testemunhas. Estas últimas afirmaram já terem presenciado situações de *bullying* em sua escola ou sala de aula, confirmando a pesquisa realizada pela ABRAPIA, que mostra a seguinte porcentagem de alunos envolvidos, “sendo 16,9% de vítimas, 12,7% de agressores e 57,5% de testemunhas”¹ (BANDEIRA; HULTZ, 2012, p. 41).

Foram encontradas diferenças entre os gêneros nos diferentes papéis de *bullying* mostrando que as meninas se identificaram mais como alvos e testemunhas e os meninos, mais como autores. É possível notar os tipos de *bullying* mais utilizados contra os alvos. De acordo com as respostas dos alunos de ambos os gêneros, o tipo de *bullying* mais utilizado por eles foi o tipo verbal (89,4% são xingamentos), na forma de apelidos, insultos ou deboches, seguido da agressão física (chutes, socos e empurrões – 21%).

¹ Os estudos sobre o bullying utilizam diferentes denominações para os envolvidos. Assim, autor= agressor; alvo= vítima; testemunha=espectador.

Realização:

Apoio:

Em 2009, em estudo realizado pela *The Globe Alliance for LGBT Education*, junto a adolescentes e jovens norte americanos, constatou-se que a prevalência do *bullying* ocorre – em quase sua totalidade – por discriminação relacionada à identidade sexual. Além disso, fica claro que meninos são os que mais sofrem *bullying* neste caso, pois 48% dos alvos são homossexuais do sexo masculino; 24% bissexuais do sexo masculino e 15% lésbicas. Os demais tipos de *bullying* estão englobados todos em uma mesma categoria (13%), sendo apenas esta a parcela de heterossexuais a sofrerem algum tipo de violência no espaço escolar. Deste modo, fica evidente que a homossexualidade está à frente de todas as ações de violência na escola. Tendo em vista que garotos gays e bissexuais sofrem ainda mais preconceito que garotas lésbicas. É plausível relacionar este dado com a relação direta da homofobia ao machismo e à misoginia.

A identidade sexual não fez parte deste estudo por envolver crianças e pré-adolescentes. Os meninos em geral utilizaram mais o *bullying* físico para agredir seus colegas, enquanto as meninas preferem o tipo verbal. Estes dados confirmam os estudos de Bandeira e Hultz (2012).

Os ataques ocorrem no período do recreio, seguido de sala de aula, confirmando os estudos de Matos e Jaeger (2015) que para os alvos e testemunhas o recreio escolar é o local mais propenso. Confirmando também o que os autores Schultz, Duque, Silva, Souza, Assini e Carneiro (2012) afirmam sobre o ambiente coletivo inadequado que também contribui para a manifestação do *bullying*, pois “contextos com pouca possibilidade de troca e ineficazes em construir relações de negociação entre os seus membros são espaços propícios para a ocorrência do fenômeno” (p. 252).

Observa-se também que 63,1% das meninas já sofreram *bullying* em algum momento do seu dia na escola, o que ressalta a questão da vulnerabilidade apontada por Babiuk, Fachini e Santos (2013).

TABELA 1 – Dados numéricos sobre o *Bullying* em relação ao masculino e feminino

	Meninos	Meninas	Total de alunos – Porcentagem
Você já sofreu <i>Bullying</i>?	Sim – 6 alunos	Sim – 10 alunas	Sim – 42,1%

Realização:

Apoio:



	Não – 10 alunos	Não – 12 alunas	Não – 57,8%
Já praticou <i>Bullying</i>?	Sim – 5 alunos Não – 11 alunos	Sim – 4 alunas Não – 18 alunas	Sim – 23,6% Não – 76,3%
Já presenciou situações de <i>Bullying</i>?	Sim – 7 alunos Não – 9 alunos	Sim – 8 alunas Não – 13 alunas Não respondeu – 1 aluna	Sim – 39,4% Não – 57,8% Não respondeu – 2,6%
Qual o tipo de <i>Bullying</i> mais comum?	Xingamentos – 16 alunos Agressão física – 3 alunos	Xingamentos – 18 alunas Agressão física – 5 alunas	Xingamentos – 89,4% Agressão física – 21%
Quem mais sofre <i>Bullying</i>?	As meninas – 10 alunos Os meninos – 5 alunos Ambos – 1 aluno	As meninas – 14 alunas Os meninos – 4 alunas Ambos – 3 alunas Não souberam responder – 1 aluna	Meninas – 63,1% Meninos – 23,6% Ambos – 10,5% Não souberam responder – 2,6%
Quem mais pratica o <i>Bullying</i>?	Os meninos – 14 alunos As meninas – 1 aluno Ambos – 1 aluno	Os meninos – 19 alunas As meninas – 2 alunas Ambos – 1 aluna	Meninos – 86,8% Meninas – 7,8% Ambos – 5,2%
Quais as características dos autores?	Valentões Malvados Maus Mal educados Fortes	Nervosos Bravos Cruéis Agressivos	
Qual a sua reação em relação <i>bullying</i>?	Contar a um adulto – 7 alunos Ajudar o alvo – 2 alunos Parar o autor – 3 alunos Não se meter – 4 alunos	Contar a um adulto – 14 alunas Ajudar o alvo – 1 aluna Parar o autor – 3 alunas Não se meter – 1 aluna Defender – 5 alunas	Contar a um adulto – 55,2% Ajudar o alvo – 7,8% Parar o autor – 15,7% Não se meter – 13,1% Defender – 13,1%

Fonte: Monteiro; Ribeiro; Asinelli-Luz, 2017.

Realização:



Apoio:



No *Bullying*, os alvos relataram que os ataques são na maioria realizados por autores meninos, alegando que estes são provocadores, agressivos e insensíveis. Tanto meninos como meninas identificaram os meninos como autores, na maioria dos casos (86,8%), corroborando com os estudos de Bandeira e Hultz (2012) que ressaltam o “predomínio do sexo masculino entre os agressores” (p. 42). Os dados mostram que 11 dos alunos, meninos, se identificaram como autores. Destes, a maioria usou de xingamentos para atingir seu alvo. Sob o ponto de vista da Teoria Bioecológica, entende-se que os autores são produtores da violência, mas que também podem ser frutos de um ambiente permeado de violência, no qual seu desenvolvimento foi moldado, reproduzindo estes padrões em outros contextos, validade ecológica, neste caso, a escola (SCHULTZ; DUQUE; SILVA; SOUZA; ASSINI; CARNEIRO, 2012). O *bullying* não é apenas maléfico para os alvos, mas por ser um fenômeno sistêmico, todos os envolvidos sofrem com ele.

Quanto ao sentimento gerado nos alunos quando visualizam uma situação de *bullying*, tanto meninos, quanto meninas preferem contar a um adulto o ocorrido para que este tome as devidas providências. Parte dos alunos disse que prefere intervir e ajudar na situação e alguns disseram que a situação não incomodou. Do total de alunos, 39,4% disseram ter sido testemunhas de *bullying*. Desses, 13,1% não fizeram nada, 15,7% pediram para o autor parar, 7,8% ajudaram o alvo, 13,1% defenderam seu colega e 55,2% pediram ajuda a um adulto na escola, corroborando com a pesquisa de Bandeira e Hultz (2012), em que 60% dos alunos tentam ajudar seus colegas vitimizados/alvos. Foram encontradas diferenças entre os gêneros na opção “não se meter” mostrando que os meninos reagiram menos do que as meninas e que elas tendem a serem mais empáticas com as situações de *bullying* e mais propensas a ajudar, como relatado nos estudos de Lopes Neto (2005; 2011), Fante (2005), Bandeira e Hultz (2012); Moura, Cruz e Quevedo (2011). “Os resultados mostraram que os meninos testemunhas reagiram menos e ignoraram mais o fato do que as meninas. Estas, por sua vez, se sentiram pior do que os meninos” (BANDEIRA; HULTZ, 2012, p. 42).

Realização:



Apoio:



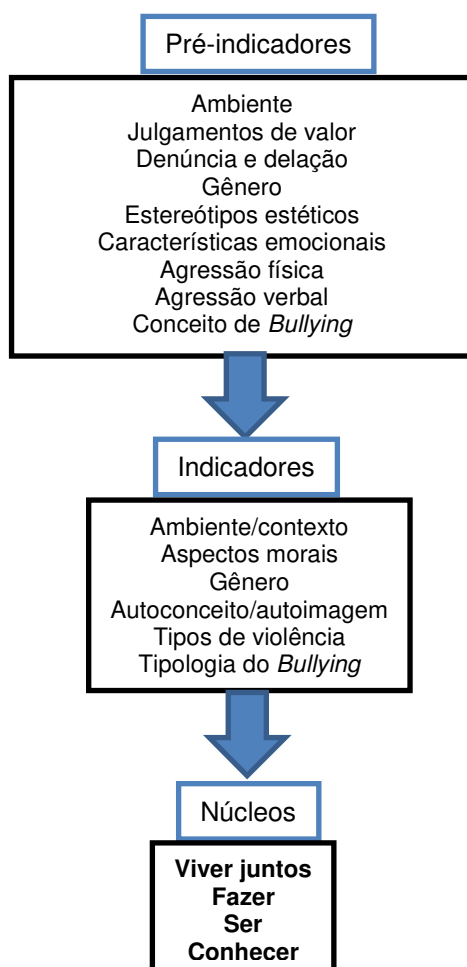
DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Resultados, análise e discussão na perspectiva de gênero

Ressalta-se neste artigo, sob a perspectiva de gênero, que o feminino tende a ser visto como o sexo mais frágil, indefeso/vulnerável e, por isso, com mais probabilidade de sofrer violências. Analisaram-se, sobre a percepção das meninas diante do *bullying*, as questões abertas e fechadas do questionário, mediante a Técnica de Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2006). Após a leitura flutuante, identificaram-se os *pré-indicadores*. Após esta etapa, seguiu-se com a formulação dos *indicadores* e dos *núcleos*. Os núcleos foram construídos de acordo com os “Quatro princípios-pilares do conhecimento”, elaborados pela UNESCO (2010), a saber: Aprender a Conhecer, Aprender a Viver Juntos, Aprender a Fazer e Aprender a Ser, pois caracterizam as significações que se deseja serem expostas na presente análise e discussão dos dados da pesquisa.

FIGURA 1: Fluxograma sobre a formação dos Núcleos de Significação



Fonte: Monteiro; Ribeiro; Asinelli-Luz, 2017.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



O núcleo *Viver juntos* trás a ideia de convivência, respeitando a diferença do outro. Nota-se que ainda há muito julgamento de valores e o uso de estereótipos estéticos, utilizando-se de xingamentos e ameaças aos outros, confirmando os estudos de Bandeira e Hultz (2012) que afirmam que os motivos para o *bullying* são os estereótipos (28,4%), seguido da comparação social. Nos dados, pode-se observar respostas das meninas como:

"me xingam de tampinha e "quatro olhos"
"xingamentos de "macaca, cabelo duro"
"estavam zoando a minha amiga porque ela tinha a pele escura"

Assim, o *bullying* sofrido pelas meninas tem um caráter mais indireto² e psicológico, mostrando a fragilidade no aspecto físico. As meninas ainda afirmam que uma das características mais comuns entre os autores do *bullying* é a força, corroborando com Bandeira e Hultz (2012) "que um dos motivos para o *bullying* é a brincadeira ou porque os agressores são mais fortes" (p. 42). Estes dados revelam a importância de uma sensibilização por parte de toda a comunidade escolar, pois o fato do *bullying* ser percebido como uma brincadeira trás um alerta sobre a naturalização do fenômeno, além de uma falta de empatia e senso de coletividade.

O núcleo *fazer* tem relação com a questão de trabalho em equipe, aprender a viver e a trabalhar junto com o outro, o que está intimamente ligado ao primeiro núcleo *Viver juntos*. Os dados mostram que elas são mais empáticas em relação aos alvos que sofrem *bullying* e que são presenciados. Elas se mostram também propensas a serem estes alvos, por serem frágeis e sensíveis. Seguem-se algumas respostas às questões: Quem mais sofre *bullying*? Qual a sua reação em relação *bullying*?

"meninas, porque elas são frágeis"
"meninas, por serem altas ou baixas, gordinhas ou magras"
"defendo a pessoa e chamo a inspetora"
"eu mando a pessoa parar"
"conto para um adulto"

O núcleo *Ser* tem o objetivo de valorizar o ser crítico e intelectual, um ator responsável. Isso ressalta a importância da formação da criança como um cidadão

² Fante (2005) e Lopes Neto (2005; 2011) diferenciam o *bullying* direto do indireto. O direto caracteriza-se por agressões físicas e o indireto por xingamentos e agressões psicológicas.

crítico, que respeita e aceita o outro com suas diferenças. Observa-se que as meninas sofrem muito com estereótipos que destacam seu físico e o seu jeito de ser. Bandeira (2009) revela em sua pesquisa que as meninas possuem índices mais elevados de baixa autoestima do que os meninos.

Observam-se nos dados coletados que a agressão verbal ganhou destaque entre a forma de *bullying* mais utilizada, confirmando os estudos de Matos e Jaeger (2015) que dizem que os alunos que mais sofrem com o *bullying* são aqueles que possuem diferenças em relação ao grupo “como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldades de aprendizagem” (p. 355). Fante (2005, p. 44) destaca as consequências de tais deprecições, como “o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar”.

“xingamentos porque sou magra”

“me xingam de “baleia”

“me xingam de “burra”

As perguntas abertas permitem observar que os apelidos e xingamentos mais usados contra as meninas são de ordem estética, que para os meninos, os mesmos xingamentos incidem para o lado da sexualidade. Nesta questão, ressalta-se que a sociedade e a cultura submetem meninos e meninas a um tratamento diferenciado. As meninas, precisam se preocupar com a aparência, enquanto meninos, com sua masculinidade e heterossexualidade (MATOS e JAEGER, 2015). Macrossistemas como patriarcado e o capitalismo também são incentivadores do *bullying*. O patriarcado atribui ao gênero masculino valores e poderes diferentes do que ao feminino, mostrando uma sociedade machista, que inferioriza as mulheres. Estas concepções influenciam no desenvolvimento humano das meninas e dos meninos de maneiras diferentes. O sistema capitalista impulsiona o individualismo, a competitividade, privilegiando o sucesso pessoal em detrimento da coletividade, fator este que impulsiona o *bullying* nas escolas (SCHULTZ, DUQUE, SILVA, SOUZA, ASSINI, CARNEIRO, 2012).

O núcleo *Conhecer* faz menção à importância do aprender. A maioria das meninas entende de forma geral o que é o *bullying* e do ele trata, mas ainda há certa fragilidade no real conceito sobre o fenômeno.

Realização:



Apoio:



“É uma coisa muito ruim e dolorosa para quem sofre”

“É quando alguém xinga e bate”

“É zombar de uma pessoa e deixar ela excluída”

Aqui, ressalta-se mais uma vez a importância da sensibilização em relação ao fenômeno de forma geral, pois ainda é visto como algo comum e tido como “brincadeiras da idade”, confirmando os estudos de Fante (2005), que insiste em uma formação continuada dos profissionais da educação e da comunidade escolar em geral sobre o *bullying*.

Novos projetos e estudos precisam ser apresentados às crianças que aprofundem o conceito e as características do fenômeno, a fim de promover entendimento e conscientização em relação ao *bullying* e às diferenças de gênero. As estratégias para minimizar as ações do *bullying* na escola necessitam de comprometimento e investimento no mesossistema família-escola, adotando condutas adequadas para reduzir a violência de forma eficaz (BANDEIRA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontados neste artigo mostram que, em muitos aspectos, os meninos se sobressaem diante das meninas em relação ao *bullying*. Meninos e meninas expressam sua agressividade de formas diferentes e estas diferenças são influenciadas pelas questões culturais expressas na sociedade. Na perspectiva de gênero, as meninas indicam os meninos como agressores e informam que esses se utilizam da força física para agredir seus alvos, enquanto as meninas são vistas como alvos frágeis. Por isso, usam da agressão verbal com mais frequência. Estas diferenças que aparecem entre o masculino e o feminino reforçam a forma como os microssistemas escola e família educam para os papéis sociais, bem como o macrossistema estimula a estrutura dos ambientes de desenvolvimento humano voltada para o modelo heteronormativo. Nesse sentido, o modelo PPCT permite refletir que os estudos do *bullying* escolar evidenciam que as mudanças estão em processo; que a cultura da paz pode, aliada as pesquisas, dar origem a um novo contexto escolar para o desenvolvimento humano; as pessoas deverão, intencionalmente, comprometer-se com o desenvolvimento humano adequado e, tudo isso, demanda tempo.

Realização:



Apoio:



O papel da comunidade escolar, de forma geral, se faz necessária para que haja uma educação voltada à diversidade, atuando de forma efetiva em relação às questões do gênero, em especial, no que diz respeito à violência da mulher, que é um fenômeno mundialmente visto e presenciado.

A Teoria Bioecológica mostra a necessidade de se compreender o *bullying* como um fenômeno sistêmico, influenciado por vários indivíduos e sistemas e tendo consequências para todos os participantes da agressão (alvos, autores e testemunhas) e, por isso, a necessidade de detectar a incidência do fenômeno e criar mecanismos próprios para cada comunidade escolar, baseadas nas relações humanas com abrangência em todo sistema bioecológico.

Ações de prevenção devem ser priorizadas, assim como políticas públicas que minimizem o fenômeno nas escolas. Portanto, a atuação dos profissionais da educação junto à comunidade escolar é imprescindível para eliminar os estereótipos sociais e discriminação imputados pela cultura, eliminando toda a forma de bullying escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; LIMA, Fabiano; VARELLA, Santiago. Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola. In: (org.). **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2003, p. 89-117.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia, Ciência e Educação**. n. 26, p. 222-245, 2006.

_____; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virginia Campos. Núcleos de Significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**. v. 45, p. 55-75, 2015.

BABIUK, Graciele Alves; FACHINI, Flávia Granzotto; SANTOS, Gabriel Nappi. **Violência de gênero nas escolas**: implicações e estratégias de enfrentamento. Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2013.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes. **Bullying**: autoestima e diferenças de gênero. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do *bullying* na autoestima dos adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. v. 14. n. 1, p. 131-138, 2010.

Realização:



Apoio:



BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Tradução: André de Carvalho Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz. **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus Editora, 2005.

LOPES NETO, Aramis Antônio. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, 2005. P. 164-175.

_____. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MATOS, Michele Ziegler; JAEGER, Angelita Alice. *Bullying* e as relações de gênero presentes na escola. **Movimento**. Porto Alegre. v. 21. n. 2, p. 349-361, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9. n. 3, p. 239-262, 1993.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**. v. 87. n. 1, p. 19-23, 2011.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para estudos de fatores humanos. **Revista Saúde Pública**. São Paulo. v. 29. n. 4, 1995.

SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt; DUQUE, Denise Franco; SILVA, Carolina Fermino da; SOUZA, Carolina Duarte de; ASSINI, Luciana Cristina; CARNEIRO, Maria da Glória de. A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em Estudo**. Maringá. v. 17. n. 2, p. 247-254, 2012.

UNESCO. **Cultura de paz**: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. – Brasília: UNESCO. São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. 256 p.

REFLECTIONS ON SCHOOL *BULLYING* AND THE GENDER PERSPECTIVE: CHILDREN'S PERCEPTION IN THE 5TH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This work highlights characteristic elements of the school *bullying* phenomenon from the perception of children in the 5th year of elementary school in a municipal public school in Curitiba, with emphasis on the gender perspective. The systematic review

Realização:



Apoio:



shows how much this phenomenon deserves attention in schools. School *bullying* is understood to be the aggressive behaviors that repeat themselves and are intentional, that happen without an apparent motivation, between one or more students, causing suffering and an unequal relation of power. The article originated a masters research in education that investigates the perception of *bullying* next to two classes of fifth year. Data analysis involves quantitative and qualitative aspects, in order to value the frequency and impact of the school bullying phenomenon in children's lives. There are issues related to power relations between students, characterizing different types of manifestation of *bullying* due to gender. From the pedagogical point of view, it is possible to understand the impact of *bullying* on human development, which is characterized as social violence in the school microsystem that, in the macrosystem, still reinforces the girl as fragile, sensitive, reinforcing her as vulnerable to the *bullying* phenomenon.

Keywords: *Bullying*; gender relations; Elementary School; school violence; child perception.

Realização:



Apoio:

